

Intermezzo.

Se há entre Vocês alguém que acompanhou com interesse a sequencia das quartas feiras não somente do ponto de vista do conteúdo, mas também quanto á forma, em outras palavras se há entre Vocês alguém que se interessou pela organização estetica das quartas feiras, esse alguém talvez tenha notado o esforço deliberado de transformar as nossas conversas em partes organicas de um tudo, de criar uma obra de arte (sem pretensão, evidentemente, de criar uma obra prima). Tinha eu a esperança (e, até certo ponto a tenho ainda) de estabelecer com Vocês uma oficina, na qual, juntos, esculpiríamos uma estatua de, digamos, Santa Sofia. O barro, a materia prima, seria fornecido por mim e seria transformado plasticamente pelo conjunto das palmas do vai-vem dos argumentos, e endurecido no fogo das discussões purificantes. Para tanto tinha eu um plano vago da estatua a ser produzida, plano esse que vinha se modificando e crescendo á medida que a materia prima vinha desvendando os seus segredos. No entanto, ultimamente, estou notando que estamos nos desviando do meu plano, por elastico que este seja, e que surge a ameaça de nos perdermos na lama do lugar comum e da vulgaridade. Em outras palavras, surge a ameaça, sempre presente em toda tentativa criadora, da vitoria da materia sobre o espirito que a informa. Em nosso caso especifico essa vitoria teria dois aspetos: de um lado a materia nos força a descer do nível relativamente elevado que temos alcançado a tanto custo. Do outro lado o ambiente hostil ao pensamento abstrato que nos rodeia nos seduz para que nos rendamos a materia bruta. Isto é facilmente compreensivel: a materia que queremos dominar, a saber o pensamento ocidental, é obstinada, e o ambiente que nos rodeia, a cidade de São Paulo, é pragmatico e inimigo da "epochè", da passividade criadora. No entanto, e a despeito da força desproporcional desses dois inimigos, proponho que não nos rendamos ainda. Talvez se trate de uma crise que pode ser superada, se ambos, Vocês e eu, a enfrentarmos com seriedade. Com esta finalidade em mira, me proponho a dar-lhes um esboço do projeto que tenho em mente: O pensamento ocidental é apercebido por nós como uma cacofonia de vózes confusas e apaixonadas, como uma discussão acalorada de surdos. Há vózes especialmente estridentes e que comandam a nossa atenção pela sua insistencia e intensidade, como por exemplo as vózes do marxismo, do pragmatismo e do existencialismo. E há vózes más suaves e mais sutis que exigem um ouvido mais apurado, como por exemplo as vózes do logicismo, do estetismo e das diversas teologias. E há, por fim, o sussurar, quase inaudível do misticismo eterno. Essa cacofonia de vózes é, para quem a escuta de longe, inteiramente incompreensivel e carece de sentido. A aversão sadia que o homem da rua, o cidadão bem integrado, sente pelo pensamento dito puro, é explicada e justificada pela carencia total de sentido da cacofonia escutada de longe. Se nos aproximamos do còro, temos que fazê-lo, evidentemente, a partir de um lugar determinada. Este lugar é determinado por nosso ambiente, nossa educação e por aquela qualidade misteriosa que chamamos "personalidade". Deste lugar de partida dependerá qual a parte do còro que encontraremos primeiro. Suponhamos que nos aproximamos do còro do lado do pragmatismo. Imediatamente o còro mudará, para nós, de aspecto. Vislumbraremos o sentido e talvez a beleza da voz do pragmatismo, e todas as demais vózes serão, daqui por diante, dissonancias que prejudicam a linha melodica e harmonica da simfonia pragmatica do ocidente. Tornamo-nos engagés, entramos no còro, talvez até com a pretensão de virmos a ser regentes. Mas creio que desta forma perderemos definitivamente a oportunidade de descobrir o plano mestre que talvez se esconde no fundo da cacofonia. Se existe tal plano, se a cacofonia de vózes é uma simfonia que parece cacofonica somente aos ouvidos dos que não compreendem a composição básica da obra, este plano e esta composição podem ser descobertos somente por quem está a um tempo no meio e acima do còro. Este alguém deve estar colocado no topo de um guindaste colocado no centro do còro. E a construção de um tal guindaste que eu vos proponho. Não resta duvida que a construção de um tal guindaste e a consequente ocupação do assento em seu cume é uma especie de tomada de posição, é um engagement que acarreta responsabilidade. Não é, como pode parecer a alguns entre Vocês, uma fuga. Não estou propondo que pairamos acima do còro como

Intermezzo.

uma nuvem rosea de perfumes discutíveis. Estou propondo de construir um guindaste solidamente fundado em ferro e cimento, mas não tenho objeção a priori que o assento seja moldado de marfim trabalhado. O medo do marfim que caracteriza o nosso tempo não a recommenda, o tempo.

O que temos feito até agora nas nossas quartas feiras é a construção de um andaime para o guindaste. E, sentados encima desse andaime periclitante e nos tentado descobrir alguns temas basicos da cacofonia de vozes. Descobrimos assim a organização básica da orquestra em duas partes fundamentais, a parte judia e grega. Temos descoberto, no meio do côro, um lugar, no qual as duas partes se fundem e cruzam, o cristianismo. E temos verificado como no primeiro plano da orquestra, naquele plano virado para o público, a unidade se desfaz novamente. Essas vozes do primeiro plano nos interessam e fascinam especialmente, e inclinamo-nos para ouvilas mais de perto. Essa nossa inclinação fez com que o andaime se inclinasse conosco e ameça agora ruir, fazendo-nos cair para dentro do côro.

Evidentemente, este perigo surgiu porque temos avançado com pressa demasiada. Na nossa impaciencia de ouvir e interpretar o conjunto das vozes temos nos descuidado dos fundamentos. Mea maxima culpa. Urge portanto fortalecer os fundamentos, se quizermos salvar a obra. A essa tentativa de salvação dedico este intermezzo.

O pensamento ocidental, essa materia prima a ser organizada em nossas quartas feiras, nos rodeia e nos pervade. Nos experimentamos ele externamente como o conjunto dos artefatos, das instituições, dos costumes e das crenças e ensinamentos que nos circundão. E nos o experimentamos internamente como a força motriz que molda os nossos pensamentos, sentimentos e vontades. Normalmente nem nos damos conta que se trata de um "pensamento ocidental", normalmente diriamos que se trata de pensamento tout court, ou de "pensamento humano". Mas, se confrontados com sistemas alheios do presente ou do passado, com o pensamento chinês, ou babilônico, ou kvakiuti por exemplo, verificamos que há algo especificamente nosso, que distingue os nossos conceitos, os nossos valores, e, em consequência, a nossa civilização e cultura. Essa verificação equivale a um choque. Aquilo que até agora podia ter sido aceito como objetivo e absoluto, subjetivou e relativizou-se. É verdade que há um substratum comum a todos estes sistemas, há o pensamento humano. Mas esse substratum é de tal maneira informe e amorfo que não pode ser articulado. O que há de generico e de biologicamente, fisiologicamente ou fisicamente causado em nosso pensamento é de tal maneira difuso que se torna banal querer explicar o nosso pensamento a partir dessas camadas. A banalidade é um dos dois abismos que limitam a filosofia. O outro abismo é a preciosidade. Este abismo se abre para aquele que quer negar a uso pratico do conceito "pensamento ocidental" por considera-lo banal de mais, e que quer substitui-lo por conceitos mais restritos como "pensamento boliviano" ou "pensamento de segundo decenio do seculo dezenove". Resolvemos evitar tanto a banalidade do "pensamento humano" como a preciosidade do "pensamento boliviano", para tratar do pensamento ocidental como sistema de referencias melhor praticavel.

Essa nossa decisão representa uma tomada de posição, e é bom friza-lo. O guindaste que construiremos será baseado em terreno restrito e oferecerá uma visão limitada. É verdade que vislumbraremos, a partir do nosso assento, também os sistemas por exemplo indianos e incas, mas vislumbraremos esses sistemas do ponto de vista ocidental, do nosso ponto de vista. Estaremos, em face dos indianos, na mesma situação do marxista em fase do catolico, teremos uma visão externa. Em compensação teremos, assim o espero, uma visão interna tanto do marxismo como do catolicismo sem nos engagé em nenhum deles. Seremos gente ocidental, e nisso residirá a nossa limitação e nossa liberdade. E nisso residirá a nossa distancia e nossa responsabilidade. Permitam que me explique um pouco mais detalhadamente sobre este ponto:

Intermezzo.

Um lugar comum em nossos dias dizer que a terra encolheu e que somos os pequenos da África e da China. E este encolhimento é a um tempo uma oportunidade e um perigo. A oportunidade reside num intercambio frutífero entre diversos sistemas de pensamento, e o perigo reside no ser engolido por um sistema estranho ou na diluição de todos sistemas na banalidade. É verdade que existem pessoas que dizem que o pensamento ocidental já engoliu a terra inteira, mas essa afirmação não corresponde, ao meu ver, à realidade. Debaixo de uma camada fina de verniz ocidental os pensamentos que nos são estranhos continuam vivos. Representam, portanto, um challenge e um perigo. E o perigo é maior que a oportunidade justamente porque o pensamento ocidental se transformou em cacofonia sem sentido, que não parece valer a pena ser defendido. É portanto uma responsabilidade tentar descobrir nessa cacofonia os temas básicos, os valores e os conceitos que nos são caros, simplesmente porque somos por eles regidos. Mas existe um outro perigo, perigo já quase consumado. É a ameaça de ser o pensamento ocidental aniquilado por dentro. Ortega y Gasset o chama "A revolta das massas", Toynbee o chama "os bárbaros internos". De tal maneira ficou o núcleo do pensamento ocidental fracionado e facionado, que os próprios participantes perderam a noção da sua unidade fundamental, e estão dispostos a abrir mão dos nossos valores básicos, para conquistar os valores parciais deles derivados. Trata-se de traidores do ocidente que se degolam uns aos outros. A luta entre a Alemanha nazista e a Rússia pseudomarxista, e a contenda entre a Rússia ortodoxa e a América pseudoliberal na recente sessão da Onu são exemplos patentes, sóbem que superficiais, da minha afirmativa. Do ponto de vista ocidental, vista a partir do assunto no topo do guindaste, todas essas facções são traições, e um engagement a favor de uma ou outra seria igualmente nefasto. Mas esta recusa de engagement não é uma fuga à responsabilidade, muito pelo contrário, é uma responsabilidade mais elevada, uma responsabilidade elevada a um nível de conhecimento mais compreensivo.

É claro que esta responsabilidade precisa ser traduzida em fatos, em atos e em vontades. Mas é justamente o que estamos fazendo em nossas quartas feiras. Estamos criando um fato, um ato e uma vontade, que não são menos reais que os fatos criados pelos marxistas ou pelos americanos fervorosos, só por serem mais de marfim, por serem mais especulativos. E não exigem menos coragem. A prova dessa minha afirmativa é a circunstância de que estamos em perigo de sermos engolidos pelos traidores em contenda. Desculpem a minha demagogia, ela é, confesso, um tanto ironica, e destina-se a exagerar e vulgarizar o engagement ao qual me dedico, para ilustrar a sua autenticidade.

Essa tomada de posição que é básica a nossas discussões, eu não salientei no começo da série suficientemente. É verdade que repeti diversas vezes que somos todos gregos e judeus, mas não insisti bastante sobre a responsabilidade que isto acarreta. Esforcei-me por demonstrar como essa responsabilidade foi afirmada e traída em seus mais diversos aspectos, mas não insisti suficientemente sobre o lado ético desse processo. Lembrem-se, por exemplo, o que falei do conceito da verdade. Como me esforcei de mostrar que herdamos esse conceito tanto dos gregos como dos judeus, e como somos guardiões tanto da verdade a ser descoberta dos gregos, como da verdade revelada dos judeus. Como o cristianismo se esforçou em criar uma síntese entre essas duas verdades, sem consegui-lo. Como a ciência e a arte falsificam e torcem essas duas verdades. Como o pensamento filosófico moderno trai ambos esses conceitos da verdade, especialmente o pensamento positivista, pragmático e marxista. Mas não insisti bastante, receio, na nossa responsabilidade em salvaguardar o conceito básico tanto grego como judeu, porque ele representa um dos nossos valores e sem ele não somos nada. O pragmatismo, por exemplo, que rege grande parte do pensamento americano e informa a ação política, social e econômica dos Estados Unidos, nega a verdade judia e relativiza a verdade grega e representa assim uma traição do espírito ocidental, alegando ao mesmo tempo de querer sal-

Intermezzo.

va-la. E põe assim em perigo todos os valores ocidentais, tanto sutilmente por sua filosofia, pela arte e pela ciência que resulta dessa filosofia, como brutalmente, pela economia, técnica e política que resultam desse conjunto de correntes. Mas engager se contra essa traição seria, no momento atual, engager se a favor da traição da verdade ocidental perpetrada pelo pensamento marxista, que informa todos os atos sociais, economicos e politicos da Russia, traição essa que me dispensou de considerar neste contexto. A solução é a tomada de posição que estamos tentando aqui em conjunto. Tomei o conceito da verdade a esmo como exemplo. Todos os motivos, todos os temas que temos discutido até agora tinham uma unica finalidade: descobrir até que ponto ainda são validos, e até que ponto estão sendo traídos. E isto se aplica com a mesma veemencia a conceitos tão praticos como hybris e graça, como a conceitos tão teóricos como espaço e causalidade. E isto se aplica, com maior veemencia ainda, ao conceito basico da morte. Não sei, até que grau as discussões que tivemos estão presentes em sua memoria e em sua consciencia, mas peço-vos de reconsiderar, na luz do acima dito, todos os temas dos quais Vocês se lembram. Talvez essa reconsideração provará que temos uma finalidade positiva, e não, como alguns entre Vocês talvez possam ter pensado, negativa. Não nego que superficialmente considerado estas ordens de ideias podem ser interpretadas negativamente. Isso porque são contrarias á maioria das ordens de ideias prevaescentes no presente momento. Mas, se tomadas num sentido mais geral, creio que são positivas.

Há, na historia do pensamento ocidental, momentos de expansão e momentos de recolhimento. Carece, portanto, de sentido, de falarmos em movimentos conservadores ou renovadores, de reacionarios ou rebeldes. Nos momentos de recolhimento são os concervadores que são progressicstas, e são os renovadores que representam a reação ao pensamento. Se portanto a ordem de ideias que vos exponho lhes pode parecer reac onario, notem que se trata simplesmente de uma questão de nomenclatura. Diria que sou um reacionario visto a partir do marxismo ou do pragmatismo, mas que, vistos a partir daquilo que considero o pensamento ocidental, os reacionarios são eás.

Uma tomada de posição tal qual a proponho neste intermezzo implica um certo isolamento. Quem a esposa com seriedade se divorcia do grosso da humanidade. Nisso reside o absurdo do engagement que discuto. Os exercitos ~~em~~ em nosso redor que insistem de oferecer batalha uns aos outros enchem o ar com seus gritos de guerra, cheios de justeza e convicção de lutar pelo bem e pelo progresso. E desprezam uma tomada de posição que, aos seus olhos, forçosamente deve aparecer como isolamento em torre de marfim, como fuga á responsabilidade. Trata-se portanto de um isolamento não sómente intelectual, mas também moral, e um isolamento atraz de muros da incompreensão e de malentendido. Mas é um isolamento fertil. Permite o cultivo do seu jardim, a organização de pensamentos, a produção de escritos, que devem ser considerados como sementes que, sob certas condições favoraveis, talvez produzam arvores e frutos. Talvez este isolamento seja, em ultima analise, mais fertil, que o clamor das facções em disputa.

Encerro aqui a minha tentativa de salvar o empreendimento que juntos intiamos. A experiencia mostrará até que ponto eu fui bem sucedido. Isto serão em grande parte Vocês que decidirão entre si e no intimo de cada um por si. Mas, se formos a continuar com essa experiencia, peço-vos a não tomar em consideração, no futuro, os aspectos propagandisticos e demagogicos deste intermezzo. A sua finalidade é justamente de eliminar esse clima. Sine ira et studio devemos aproximar-nos de todos os problemas do pensmaneto ocidental, pois justamente nessa distancia reside a nossa liberdade. A subjetividade da nossa tomada de posição inicial não deve obstar a nossa honesta tentativa de mater uma objetividade para com os problemas individuais á medida que surgem. Largo agora essa batata quente para ver, o que Vocês dela farão durante a discussão e se vos queimará os dedos.